

A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico-Metodológica nos Estudos de Administração

Autoria: Késia Aparecida Teixeira Silva, Mônica Carvalho Alves Cappelle

Resumo:

As organizações têm-se mostrado mais complexas, exigindo diferentes formas de se investigar as nuances existentes em seu espaço. Nesse sentido, o presente artigo se propõe a apresentar a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como possibilidade teórico-metodológica em estudos no campo da Administração. Para isso discute a Teoria da Subjetividade e seus principais fundamentos teóricos, bem como a Epistemologia Qualitativa. Em seguida apresenta, como exemplo da aplicação desta proposta metodológica, um estudo alicerçado teoricamente na Teoria da Subjetividade em que utilizou-se a Epistemologia Qualitativa de Rey (2003) para desvendar os sentidos subjetivos do trabalho na prostituição.

1. Introdução

A compreensão de questões atuais, cada vez mais complexas, parece exigir novas possibilidades de pesquisa que permitam um pensamento multidimensional capaz de entender a amplitude dos seres humanos e da sociedade em geral para enfrentar os desafios correntes. Sob essa ótica, este artigo visa apresentar a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como possibilidade metodológica no campo da Administração. Parte-se de princípios de Edgard Morin que defende “a arte de utilizar as informações que surgem durante a ação, integrá-las, formular subitamente esquemas de ação e ser capaz de reunir o máximo de certezas para defrontar o incerto” (MORIN, 2002, p. 149).

A subjetividade tem sido resgatada como uma nova dimensão de análise das organizações, trazida, principalmente, dos estudos psicológicos, sociológicos e filosóficos para os estudos organizacionais. Como destacam Davel e Vergara (2001), nos cenários cada vez mais turbulentos e competitivos, lidar com pessoas, saber compreendê-las e aproveitar suas potencialidades tem sido um aspecto enfatizado na Administração. Apesar de se questionarem os propósitos de maximização de resultados escondidos nas entrelinhas desse movimento de busca da subjetividade do indivíduo, há desenvolvimentos teóricos capazes de fornecer subsídios para uma compreensão mais abrangente da inserção das pessoas no mundo do trabalho.

A proposta de Gonzalez Rey (2003; 2005) ao conceituar a subjetividade na perspectiva histórico-cultural e seus desdobramentos surge como mais uma possibilidade de se compreender o indivíduo e sua atuação no mundo do trabalho, bem como em outros âmbitos de pesquisa em Administração. Para desenvolver a teoria da subjetividade, o autor parte da proposição de que o homem é constituído a partir de sua reflexibilidade durante sua história de vida, processo durante o qual seu pensamento atua por meio de situações que provoquem sua emoção. Nessa perspectiva, o exercício do pensamento vai além do exercício da linguagem. Entre o pensamento e a linguagem “existe uma relação complementar, e também contraditória, em que um não se reduz ao outro, e nem é explicado pelo outro” (REY, 2003, P. 235).

Rey (2003) entende o sujeito como um sujeito de pensamento, emoção e linguagem, e daí emerge o sujeito reflexivo e participativo. Para o autor a reflexibilidade e a participação são elementos essenciais à existência do ser humano enquanto sujeito. “A reflexibilidade é uma característica do sujeito com a qual está comprometida a produção de sentidos subjetivos em todas as esferas da vida” (REY, 2003, p. 240). Nesse processo, por meio do pensamento e do exercício de novas práticas sociais, o sujeito encara permanentemente suas posições anteriores e enfrenta momentos em que rompe com o social, o que resulta no aparecimento de novos focos de subjetivação social.

Nesse contexto de compreensão do sujeito está assentada a teoria da subjetividade desenvolvida por González Rey (2003). A subjetividade vista sob o enfoque histórico-cultural rompe com a visão que restringe a subjetividade ao intrapsíquico. A teoria da subjetividade assumida por Rey (2003, p. 240) “se orienta para uma apresentação da subjetividade que em todo o momento se manifesta na dialética entre o momento social e o individual”, em que o momento individual está representado por um sujeito comprometido permanentemente “no processo de suas práticas sociais, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos”.

Paula e Palassi (2007) afirma que a subjetividade na perspectiva de Gonzalez Rey, rompe com a idéia de que a subjetividade é um fenômeno individual, transpondo para a idéia de que a subjetividade se produz nos níveis social e individual simultaneamente. A subjetividade está associada à forma com que as experiências e instâncias sociais atuais do sujeito ganham sentido e significação na formação subjetiva de sua história.

Considerando os pressupostos da teoria da subjetividade, a Epistemologia Qualitativa, também proposta por Gonzalez Rey, mostra-se pertinente para estudos qualitativos em Administração. Essa epistemologia busca compreender a pesquisa como um processo de comunicação e de diálogo, uma vez que o homem se comunica permanentemente nos diversos espaços sociais em que vive. Procura também legitimar o conhecimento por meio da construção contínua de modelos de inteligibilidade sobre um problema, que se permitam estar em constante desenvolvimento e construção (REY, 2003).

Essa proposta justifica-se pela iminente necessidade de se compreender as questões atuais que envolvem as organizações que se mostram cada vez mais complexas, exigindo novas possibilidades de pesquisa de forma a permitir um pensamento multidimensional capaz de entender as dimensões dos seres humanos e suas inter-relações nos espaços em que atuam.

Paula e Palassi (2007) chamam a atenção para o potencial que a concepção de subjetividade de Rey (2003) abre no campo dos estudos organizacionais, pois a introdução dessa simultaneidade individual e social da produção subjetiva estabelece a vida organizacional não somente como campo de controle da subjetividade, mas também como espaço de produção de subjetividade.

Com o objetivo de demonstrar a operacionalização de uma pesquisa utilizando essa proposta metodológica, ao final do presente artigo, apresentam-se trechos de uma pesquisa realizada por Silva (2013) com prostitutas no interior de Minas Gerais, em que utilizou-se os conceitos de subjetividade e de sentidos subjetivos, bem como orientou-se a pesquisa por meio da Epistemologia Qualitativa de Rey (2005). O objetivo desta pesquisa foi apreender sentidos subjetivos do trabalho na prostituição e os passos seguidos com base na proposta metodológica de Rey mostrou-se adequado para o alcance de seus resultados.

O artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo compreende a presente introdução; a seguir tem-se uma abordagem teórica elucidando a teoria da subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey; no quarto capítulo segue-se a demonstração da aplicação teórico-metodológica proposta por Rey em pesquisas no campo da Administração. Em seguida, apresentam-se as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas neste artigo.

2. A Subjetividade na perspectiva de Gonzalez Rey

A Teoria da Subjetividade de Gonzalez Rey surge da necessidade de se pensar a Psicologia por um paradigma que possibilite a aproximação da compreensão subjetiva dos processos psíquicos, uma vez que o seu desenvolvimento dentro do modelo científico natural da ciência compreende esses processos como entidades dentro de uma visão reducionista, determinista quantitativa e mecanicista.

Diante da necessidade de conceber a Psicologia através de uma abordagem mais subjetiva, Rey (2003, p. 73) desenvolve o conceito de subjetividade como "tentativa de reconceituar o fenômeno psíquico em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam".

Na perspectiva de Rey (2003), a subjetividade não é algo internalizado no indivíduo. Não se trata de algo que vem de "fora" e que passe a estar "dentro". Para ele, a subjetividade não aparece somente no nível individual. Neste sentido, a cultura na qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo gerador de subjetividade. Rey (2003, p. 78) ressalta a necessidade de substituição da visão mecanicista de que a cultura, o sujeito e a subjetividade são fenômenos diferentes que se relacionam. Faz-se urgente vê-los como fenômenos que, mesmo não sendo idênticos, se integram como "momentos qualitativos da ecologia humana em suma relação de recursividade".

O conceito elucidado por Rey (2003) compreende a subjetividade como

(...) um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Essa visão da subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo, que representa a forma essencial dos processos de subjetivação” (REY, 2003, p. 09).

Rey (2005) parte de uma concepção de subjetividade a partir da compreensão histórico-cultural do homem. Esse enfoque tem como aspecto essencial a compreensão da unidade dialética entre indivíduo e sociedade, entendida como sistema complexo, estando os dois contidos um no outro em um processo que atravessa as formas atuais de organização, tanto do social como do individual.

Com o intuito de romper com a dicotomia existente entre indivíduo e sociedade, Rey (2003) usou a expressão subjetividade social. Através disso, ele tinha a intenção de abandonar a ideia da psicologia de que a subjetividade é um fenômeno individual, e conceituá-la como um sistema complexo produzido simultaneamente nos níveis social e individual. Nesse aspecto, o autor enfatiza que a produção de subjetividade social não se refere somente às experiências atuais do sujeito ou instância social, mas à forma com que uma experiência atual adquire sentido dentro da constituição subjetiva da história e do agente de significação, que pode ser social ou individual.

Na perspectiva da subjetividade social, elucidada por Rey (2003), os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos e passam a serem vistos como processos implicados dentro de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituído e constituinte. Essa constituição social do indivíduo é um processo diferenciado, em que as consequências para as instâncias sociais implicadas e para os indivíduos dependem dos diferentes modos que adquirem as relações entre o indivíduo e o social. Desta forma, cada momento se configura de formas diversas ante a ação do outro, sendo um processo que acompanha tanto o desenvolvimento social como o desenvolvimento individual.

Nessa concepção, os sentidos subjetivos procedentes das experiências atuais e anteriores do sujeito constituem subjetivamente sua manifestação em cada espaço social concreto. Assim, o estudo do sujeito em cenários microsociais implica compreender os comportamentos ali produzidos por meio dos sentidos subjetivos desse comportamento (REY, 2003). Na aceção do autor, o sentido caracteriza o processo da atividade do homem em seus diversos ambientes de ação.

É importante ressaltar que a ideia do sujeito, para Rey (2003), recupera o caráter dialético e complexo do homem, que, de forma simultânea, representa em si uma singularidade e também um ser social. O autor revela que essa relação não é uma determinação externa, mas trata-se de uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada na qual se manifesta a ação do sujeito. A concepção do sujeito é incompatível com o determinismo mecanicista, tendo vista que sua ação é imprevisível. O autor reitera que, no entanto, "o momento atual é constituinte da configuração subjetiva da ação que tem lugar neste momento" (REY, 2003, p. 224).

O conceito de sentido subjetivo desenvolvido pelo autor é elaborado a partir de uma definição de sentido pela sua relação inseparável com a subjetividade. Em seus trabalhos, Rey define sentido como sentido subjetivo, que é:

“a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o

outro, sem que seja absorvido pelo outro. (...) O sentido subjetivo representa uma definição ontológica diferente para a compreensão da psique como produção cultural” (REY, 2003, p. 127).

O sentido subjetivo representa uma unidade integradora de elementos diferentes, processos simbólicos e emoções, e é a integração desses elementos que define o sentido subjetivo. Ele não aparece diretamente na expressão intencional do sujeito, ou seja, nem sempre aparece diretamente numa frase ou numa palavra. Os sentidos subjetivos aparecem de forma indireta na qualidade da informação, que pode ser identificada no lugar em que uma palavra se encontra numa frase ou em uma narrativa; na comparação de significações distintas que podem ser observadas em uma expressão, no nível diferenciado de tratamento de temas. A informação pode vir ainda “na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão” (REY, 2005, p. 116).

O conceito de sentido subjetivo dá particular sustentação à concepção de subjetividade desenvolvida por Rey. A subjetividade é legitimada pelo fato de ser “uma produção de sentidos subjetivos que transcende toda a influência linear e direta de outros sistemas da realidade” (REY, 2005, p. 22).

Julga-se que os conceitos acima apresentados advindos da teoria da subjetividade, bem como os sentidos subjetivos podem ser utilizados de maneira satisfatória como proposta metodológica em pesquisas por meio da Epistemologia Qualitativa também idealizada por Gonzalez Rey (2003). A seguir encontram-se seus principais fundamentos.

3. A Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey

A proposta metodológica da Epistemologia Qualitativa (REY, 2003) infere que a construção do conhecimento fundamenta-se especialmente em três princípios básicos. O primeiro princípio é de que “a Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento”. Esse fundamento implica entender o conhecimento como produção permanente, “e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (REY, 2005, p. 5). O caráter construtivo-interpretativo do conhecimento visa romper com a dicotomia entre o empírico e o teórico. O caráter teórico da proposta de Rey, como afirma, nem exclui e nem relega o empírico a um segundo plano. Na proposta, o empírico é compreendido como um momento inseparável do processo de produção da teoria.

O segundo atributo importante da Epistemologia Qualitativa é a legitimação do singular como fonte de produção do conhecimento, o que implica considerar a pesquisa como uma produção teórica. O teórico, nesse caso, não é o restringido a fontes de saber pré-existentes ligadas ao processo de pesquisa, mas sim ao que se expressa na atividade “pensante e construtiva do pesquisador” (REY, 2005, p. 11).

O terceiro atributo geral da Epistemologia Qualitativa, destacado por Rey (2005), consiste em entender a pesquisa nas ciências antropológicas como um processo de comunicação e de diálogo. A ênfase dada à comunicação no processo de construção do conhecimento baseia-se no fato de que grande parte dos problemas sociais e humanos tem raízes, direta ou indiretamente, na comunicação entre as pessoas. Nesse sentido, a comunicação é um espaço privilegiado para o estudo da subjetividade e serve de via para conversão dos que fazem parte da pesquisa em sujeitos da pesquisa.

Rey (2005) salienta que antes de iniciar a coleta de dados é importante se criar o cenário de pesquisa. Trata-se do primeiro contato entre pesquisador e pesquisados e é deste encontro que forma-se o grupo de pesquisa.

“Entendemos por cenário de pesquisa a fundação daquele espaço social que caracterizará o desenvolvimento da pesquisa e que está orientado a promover o envolvimento dos participantes da pesquisa. É precisamente no processo de criação de tal cenário que as pessoas tomarão a decisão de participar da pesquisa, e o pesquisador ganhará confiança e se familiarizará com os participantes e com o contexto em que vai desenvolver a pesquisa” (REY, 2005, p. 83).

A construção e a análise da informação se dão pela captação das expressões dos sujeitos pesquisados, produzidas por meio dos instrumentos utilizados nos momentos empíricos programados. A análise das expressões e das emoções dos sujeitos possibilita a produção de indicadores de sentidos subjetivos a partir dos quais são construídas categorias.

Trata-se de um processo difícil na realização da pesquisa qualitativa baseada na epistemologia qualitativa, como reconhece Rey (2005), que atribui essa dificuldade ao que chama de “fantasma empirista” que ainda circula no âmbito da pesquisa científica nas ciências sociais em geral. Para o autor, as informações não se mostram tão visíveis para o pesquisador, elas não estão presentes apenas nas expressões dos sujeitos da pesquisa, em suas falas e escritas. Para Rey, os sentidos subjetivos estão presentes

“na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão, etc.” (REY, 2005, p. 116).

Assim, a construção do conhecimento dá-se por meio de indicadores de sentidos subjetivos. Por meio da análise das conversações e das respostas nos demais instrumentos, o pesquisador vai levantando indicadores que, organizados em categorias, constituem base para a construção de hipóteses. As hipóteses, por sua vez, confrontadas com outros indicadores oriundos de um mesmo instrumento ou de instrumentos diferentes, vão se confirmando ou não, num processo construtivo-interpretativo permanente de construção do conhecimento (REY, 2005).

Nos estudos que se orientam pela Epistemologia Qualitativa de Rey, o processo de construção da informação não se orienta por uma lógica preconcebida, mas se caracteriza por um processo mental e reflexivo do pesquisador que ao longo da pesquisa vai construindo seu próprio modelo teórico. Nesse processo, o pesquisador busca acessar elementos de sentido que possam ser transformados em indicadores de sentidos subjetivos. Na medida em que esses elementos de sentidos e significados vão surgindo, eles vão sendo agrupados em categorias, que servem como ferramentas de organização das informações. As categorias são importantes para a organização do processo construtivo-interpretativo porque, como explica Rey (2005), indicam núcleos teóricos de significação portadores de certa estabilidade.

Rey (2005) ressalta ainda a importância de o pesquisador, durante os momentos empíricos, elaborar tabelas e anotações, que constituirão a documentação básica da pesquisa e fonte para produção da informação. A matéria-prima dos momentos empíricos são as expressões de linguagem e as emoções. Interpretadas pelo pesquisador, resultam em uma tabela de indicadores. Continuamente, esses indicadores vão sendo organizados em categorias, que vão abrindo caminho para o surgimento e consolidação de hipóteses, num processo reflexivo de ida e volta contínuo. A partir da confirmação de hipóteses é que são

captados os sentidos subjetivos, ou seja, na medida em que os relatos apontam elementos constituintes de determinado sentido, cria-se uma hipótese de que tais elementos possam significar algo relacionado ao tema pesquisado. Esses elementos associados às emoções e expressões dos sujeitos auxiliam na conformação das hipóteses levantadas.

4. Analisando Sentidos Subjetivos

Nesta parte apresenta-se parte da pesquisa realizada por Silva (2013) junto a prostitutas no interior de Minas Gerais em que utilizou-se a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey (2003), objetivando apreender sentidos subjetivos do trabalho na prostituição. Tal pesquisa procurou seguir as instruções dadas por Rey (2003) no que se refere à criação do cenário de pesquisa, a escolha dos momentos empíricos utilizados na coleta de dados e à análise das informações coletadas.

Para a criação do cenário de pesquisa, realizou-se o contato com as prostitutas mediante visita às boates nas quais elas trabalham. No momento da visita foi explicado a elas sobre os objetivos da pesquisa, bem como a forma como ocorreria a participação delas no processo.

Após a constituição do cenário foram realizados três momentos empíricos individuais. O primeiro compreendeu a solicitação aos participantes que relatassem um momento marcante em sua trajetória na prostituição. No segundo momento empírico, realizou-se uma entrevista individual com cada uma das participantes, em que foram discutidas questões referentes a suas trajetórias de vida, a entrada para esta atividade, o dia-a-dia no trabalho, as motivações, os incômodos, enfim, assuntos que levaram à apreensão dos sentidos subjetivos de cada uma em relação ao seu trabalho. O terceiro momento constitui-se da utilização de uma técnica projetiva. Foi solicitado a cada participante que desenhasse algo que representasse o que ela sente em relação ao seu trabalho e que explicasse o que desenhou.

Durante os três momentos empíricos a pesquisadora manteve um caderno de campo onde anotou suas principais observações sobre o local. Ao sair da boate ela também fez diversos relatos sobre as experiências vivenciadas. Essas observações auxiliaram na análise das informações coletadas. Rey (2005) ressalta que esses momentos empíricos informais são importantes para que o pesquisador possa captar nuances que nem sempre se mostram tão perceptíveis nos momentos empíricos formais.

Com o objetivo de esclarecer a forma como se utiliza a Epistemologia Qualitativa e faz-se a análise dos dados por meio dos sentidos subjetivos captados, optou-se por apresentar trechos do estudo realizado, demonstrando cada um dos momentos empíricos utilizados. A seguir encontram-se as demonstrações.

4.1 1º Momento Empírico: Fatos que marcaram a trajetória das prostitutas

No primeiro momento empírico foi solicitado que as participantes relatassem um fato que tivesse marcado a trajetória delas como prostitutas. Poderia ser qualquer fato ocorrido que se relacionasse ao trabalho por elas realizado.

Entrevistada: *“Na minha carreira, por exemplo, já tentaram me matar, fazendo programa...”*

“Um rapaz muito bem vestido, muito bem trajado, chegou na boate pagou R\$300,00 para mim ir no motel com ele uma hora, só que ele não foi para o motel ele parou na metade do caminho inclusive no bairro onde eu morava, já colocou uma arma no meu pescoço, queria

que eu cheirasse farinha (cocaína) com ele, falei com ele que eu não curtia sabe?! E ele insistindo só que aí, eu com o celular ligado no 190 virei e falei com ele “vou chamar a polícia se você não parar com isso”, aí ele começou a me bater sabe, começou a bater na minha cara e chegava minha cara no painel, aí eu peguei e falei para ele “eu estou chamando a polícia”, só que aí no debater com ele meu dedo apertou mesmo o 190 e o policial ficou ouvindo do outro lado, só que quando eu vi, o que me salvou foi isso que ele já tinha rasgado minha roupa, já tinha me batido, sabe?! Aí a polícia chegou duma vez sabe, já chegou tirou ele do carro, batendo, ele estava nu também, o policial me levou até em casa e o outro levou ele, e ele falando: “Ninguém vai me prender sou filho do juiz tal o que...” e o policial batendo nele. Aí o policial falou assim ó “isso é bom para vocês aprender, vocês garota de programa nunca mais vocês fazerem saída porque a gente cansa de avisar que esse negócio de fazer saída é muito perigoso”. Sabe?! E a partir desse dia eu aprendi, eu nunca mais fiz uma saída sabe?! Eu tomei trauma. Foi um fato muito marcante da minha vida. Aí eu só faço nas boates, qualquer dinheiro que me oferecem eu não gosto de saída. Não dá certo”.

Ela relata um momento trágico que viveu em sua carreira como prostituta, uma tentativa de assassinato por parte de um cliente. Isso faz emergir sentidos subjetivos significativos. Logo no início, ela menciona uma situação em que foi enganada por um cliente que aparentava ser uma boa pessoa e que se propôs a pagar um valor superior ao seu programa caso ela saísse da boate com ele. Ao informar o valor pago por esse cliente “R\$ 300,00”, nota-se um indicador de sentido subjetivo que demonstra a importância que a questão financeira tem para ela, ou seja, ela decidiu se arriscar e sair com o cliente porque estava sendo bem paga para isso.

No relato, aparecem elementos comuns à prostituição que podem indicar sentidos subjetivos do trabalho. O primeiro relaciona-se às drogas, que são comumente consumidas por prostitutas, inclusive isso aparece em outros momentos empíricos. Neste caso, ao dizer que o cliente *“queria que eu cheirasse farinha (cocaína) com ele”*. O outro relaciona-se à violência contra as prostitutas, que pode ser identificado no momento em que ela afirma que o cliente *“colocou uma arma no meu pescoço”*, *“aí ele começou a me bater sabe, começou a bater na minha cara e chegava minha cara no painel”*, *“ele já tinha rasgado minha roupa, já tinha me batido”*. Esses dois indicadores de sentido subjetivo demonstram que em seus cotidianos as prostitutas, ao exercerem seu trabalho, lidam com a violência por parte de seus clientes. A entrevistada mostra o perigo da profissão, que também apareceu em outros momentos do trabalho.

Outro trecho de sua fala nos revela o indicador de sentido subjetivo que remete ao preconceito da sociedade. No momento em que o policial que atendeu ao chamado diz que *“isso é bom para vocês aprender, vocês, garota de programa, nunca mais vocês fazerem saída porque a gente cansa de avisar que esse negócio de fazer saída é muito perigoso”*, ele está demonstrando o que várias pessoas pensam, ou seja, que as prostitutas merecem passar por essas situações em seu trabalho em decorrência da atividade que exercem.

4.2 2º Momento Empírico: Repensando a trajetória das prostitutas

O segundo momento empírico compreendeu uma conversa com as participantes, em que foi solicitado que as mesmas contassem um pouco de sua história até a entrada para a

prostituição, focando em especial os pais, a infância, a adolescência, os relacionamentos amorosos, o casamento e os filhos. Deveriam relatar também a forma como conheceram a prostituição, o momento em que decidiram ser prostitutas, o que mais influenciou essa decisão e como estavam suas vidas atualmente, após a entrada para a boate.

Entrevistada: Ah, os meus pais, são separados. E eu não fui criada com minha mãe, fui criada por outras mãos. Entendeu? E a gente foi criado separado da mãe, e a gente toda vida foi sofrida, minhas irmãs tudo... a gente sempre foi correria... na casa de um e outro.

Os pais da entrevistada eram separados e abandonaram os filhos com outras famílias. Ela relata que não tinha um lar definido e ficava transitando entre uma e outra família. Em seu relato emergem sentidos que demonstram sofrimento pelo abandono e descaso dos pais e pelo fato de nunca ter encontrado uma família que a assumisse como filha legítima.

Entrevistada: Não foi agradável, eu não gosto nem de recordar eu fui muito humilhada na casa dos outros, escutei muito desaforo, apanhei, era mal cuidada, nunca tive brinquedo meu. Eu brincava era com brinquedo dos outros.

O relato da entrevistada é permeado por elementos que apontam para o sofrimento vivenciado na infância. Ela exemplifica algumas situações que indicam os motivos pelos quais ela sofreu "*eu fui muito humilhada na casa dos outros, escutei muito desaforo, apanhei, era mal cuidada*". Ela afirma que foi "*na casa dos outros*" que tudo de ruim aconteceu. Desta forma, ela trás à tona novamente o abandono de seus pais, que é algo marcante em sua trajetória.

Entrevistada: Eu fui estuprada com 14 anos, virgem, moça e eu morava com minha vó. E como naquela época depois que a gente, depois que você perde a virgindade naquela época você não podia mais ficar com outras moças entendeu?! Seu valor acaba. Ai o que que acontece?! Você é obrigada a enfrentar o mundo sozinha, que ai nem os pais te apoiam. Eu estava grávida e meu pai não aceitava que era fruto de um estupro. Entendeu?! Não acreditou na minha estória eles me expulsaram de casa. Por isso eu saí com homem. No momento que eu comecei a passar fome na rua. O que mais me influenciou a entrar para a prostituição foi a falta de moradia, eu acho. Falta de apoio, entendeu?

O último estupro que a entrevistada sofreu na adolescência resultou em uma gravidez indesejada. Diante dessa situação seu pai e sua avó, com quem morava, não acreditaram em sua versão de que o filho era fruto de um estupro. Após a revelação, ela foi expulsa de casa. Na época em que tudo aconteceu, era bastante incomum moças solteiras ficarem grávidas. Em um trecho ela ressalta: "*depois que você perde a virgindade, naquela época, você não podia mais ficar como outras moças. Seu valor acaba*". Observa-se neste relato, elementos que indicam que, perante a sociedade, ela sentiu que passou a não ter valor algum. Abandonada pela segunda vez e numa condição desvalorizada pelas pessoas, ela se viu sozinha e desabrigada. Ela afirma "*No momento que eu comecei a passar fome na rua. O que mais me influenciou a entrar para a prostituição foi a falta de moradia, eu acho. Falta de apoio*". Essa fala contém elementos que levam ao sentido de abandono no qual se encontrava no momento

em que decidiu ser prostituta. A entrada para a prostituição para ela foi a possibilidade de sanar necessidades básicas urgentes: fome e moradia.

4.3 3º Momento Empírico: Sentidos subjetivos expressos através de desenhos

Aqui apresentam-se os dados coletados no terceiro e último momento empírico realizado na pesquisa. Neste momento, foi solicitado que as participantes criassem um desenho que representasse algo sobre seu trabalho. Após concluírem o desenho, as participantes explicaram seu significado, demonstrando o que objetivaram expressar.

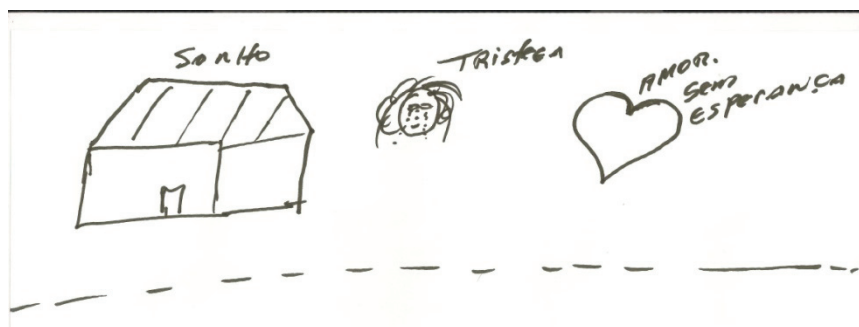


Figura 1: Sonho e realidade.

Fonte: Desenho feito pela entrevistada.

Entrevistada: Bem... eu desenhei uma casa porque é um grande sonho que eu tenho, né, de ter uma casa própria e não ter que pagar aluguel. Eu nunca tive uma casa pra falar que era minha. Igual eu te falei minha mãe foi embora e eu fiquei morando cada época numa casa diferente. Então eu tenho muita vontade de ter uma casa. E eu trabalho também pra ter condições de construir uma, né. Eu já comprei o lote e agora quero ver se consigo começar a casa, mas pagando aluguel é muito difícil. Essa mulher chorando é eu, porque minha vida inteira foi sofrendo, chorando, correndo atrás, eu nunca tive ninguém pra fazer nada pra mim. E vou te falar, a gente sofre nessa vida (prostituição), viu. É muito humilhante ser garota de programa. O coração é porque eu quis muito, a vida inteira, encontrar uma pessoa, me apaixonar e ser feliz com ela, mas nunca aconteceu. Sempre que eu pensava que ia dar certo, não dava. E assim... eu fui desanimando, né. Agora eu não tenho mais esperança nenhuma. Tem um tempão que eu nem invoco com ninguém. Desisti desse amor que as pessoa fala. Isso não deve ser pra mim.

A entrevistada expressou em seu desenho sentidos subjetivos do trabalho relacionados às possibilidades que esse trabalho pode proporcionar. A aquisição da casa própria é uma das coisas que o trabalho torna possível, mas ela representa também outros sonhos que podem ser concretizados por meio desse trabalho. O sofrimento é algo presente, expresso através da mulher que chora e explicado por ela como sendo decorrente de todas as dificuldades pelas quais já passou em sua vida. A presença do coração no desenho representa o amor que ela nunca teve e do qual se diz sem esperança de encontrar. Ela afirma, ao falar sobre o amor, que "Isso não deve ser pra mim". Amor e prostituição parecem ser incompatíveis, ou seja, um atrapalha o outro e por isso não podem estar juntos na vida dessas profissionais.

O desenho evidencia a relação de prazer-sofrimento com o trabalho ambas relacionadas à vida pessoal e não ao trabalho em si. Este aspecto remete à ideia de Rey (2005) que revela a interação existente entre os espaços sociais ao qual pertence o indivíduo, na medida em que constrói esses espaços e é por eles construído. Assim, não há como negar os aspectos da vida pessoal dela interferindo em seu trabalho e vice-versa.

4.4 Sentidos Subjetivos apreendidos

Os relatos das participantes revelaram importantes sentidos subjetivos que possibilitaram o entendimento de alguns aspectos referentes ao trabalho das prostitutas. Esse foi um momento considerado como fundamental para esta pesquisa, uma vez que tornou possível conhecer um pouco sobre o trabalho das participantes.

Apesar de ter-se apresentado apenas alguns trechos da pesquisa realizada, a análise de todos os dados empíricos permitiu levantar elementos peculiares a cada uma das participantes pesquisadas, elementos que analisados de forma integral levaram à construção teórica de sentidos subjetivos preponderantes em cada uma, no tocante ao trabalho na prostituição. Esses sentidos demonstraram que a prostituição, assim como as demais profissões, tem seus altos e baixos, mas que por ser trabalho, possui uma dimensão repleta de significados para suas profissionais.

Esta análise permitiu compreender o espaço de trabalho das prostitutas como um ambiente permanentemente gerador de subjetividade. A análise dos sentidos subjetivos das prostitutas frente ao trabalho que realizam mostrou-se oportuna para o entendimento de aspectos importantes da relação entre as participantes da pesquisa e os sentidos que atribuem ao seu trabalho e possibilitou evidenciar que as relações no espaço do trabalho estão permeadas por inúmeras outras que ocorrem em outros espaços sociais de atuação dos sujeitos.

Nas expressões das participantes, observa-se a cada momento a relação intrínseca entre a subjetividade individual e a social, numa pressão recíproca, constante e sem fim. Nesse processo, a divisão entre o social e o individual inexistente, assim como a dicotomia entre o social e o subjetivo, como elucidado por Rey (2003).

Desta forma, as interpretações foram de encontro à visão histórico-cultural de Rey (2003) de subjetividade, que rompe com a acepção tradicional de que a subjetividade se restringe ao interior do indivíduo e com a opinião de que a subjetividade é um fenômeno individual. Para o autor, a subjetividade é um sistema complexo formado simultaneamente nos planos individual e social, em que o indivíduo é ao mesmo tempo constituinte e constituído (REY, 2003). Os resultados da pesquisa mostraram-se condizentes com a perspectiva teórica adotada, de que o sujeito é um indivíduo consciente, intencional, interativo e emotivo, que se constrói pelos espaços sociais em que atua, da mesma forma com que influencia também estes espaços.

5. Considerações Finais

Epistemologicamente, considera-se relevante a aplicação da epistemologia qualitativa (REY, 2005) e da teoria da subjetividade sob o enfoque histórico-cultural (REY, 2003) em pesquisas no campo da Administração, enfatizando o sentido do trabalho. A concepção de subjetividade desenvolvida pelo autor confirmou-se promissora para a realização de pesquisas que envolvem o trabalho.

Considera-se que a utilização de momentos empíricos específicos foi positivo para a pesquisa realizada, pois possibilitou a apreensão de sentidos subjetivos de diferentes maneiras. A forma como esses momentos foram conduzidos possibilitou reflexão e

naturalidade para que as participantes expressassem seus sentidos à medida que retratavam um pouco de sua história. Em especial os desenhos, mostraram-se uma forma eficiente que leva à uma reflexão por parte delas, além de reafirmar hipóteses construídas nos demais momentos.

O conceito de sentidos subjetivos possibilitou a produção de conhecimentos sobre o trabalho na prostituição que dificilmente seriam acessíveis por meio de métodos empíricos tradicionais. Considera-se que a atenção dada a cada participante, bem como os significados e emoções contidas nos relatos da pesquisa permitem a identificação de elementos que integrados conduzem à descoberta de sentidos subjetivos que estruturam a vivência desses sujeitos.

Observou-se que os sentidos subjetivos produzidos em um dado espaço social afeta consideravelmente os demais espaços sociais dos quais o sujeito participa, sendo esse sujeito também afetado pela subjetividade existente nestes espaços sociais. Desta forma, tem-se o entendimento de Rey (2003) ao afirmar que a subjetividade é um sistema complexo, que se forma de maneira simultânea nos planos individual e social. A subjetividade das prostitutas enquanto trabalhadoras, é influenciada por sentidos subjetivos relacionados a outros espaços sociais, sendo estes, principalmente, a família e a sociedade. Em contrapartida, esses espaços sociais afetados também influenciam o espaço social do trabalho. Nesse sentido acredita-se existir uma inter-relação constante entre os diversos espaços sociais dos quais os sujeitos participam.

Os estudos que se amparam no conceito de subjetividade e que utilizam a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey revelam a importância do sujeito individual para se compreender determinada realidade social. Por meio dos relatos individuais é possível elucidar sentidos subjetivos essenciais para o entendimento da proposta de pesquisa.

Considera-se que a Epistemologia Qualitativa embasada nos pressupostos da teoria da subjetividade elucidadas por Gonzalez Rey (2003; 2005) mostrou-se mais uma possibilidade metodológica para pesquisadores qualitativistas no campo da Administração. A constituição dos cenários de pesquisa, o fato de utilizar diversos momentos empíricos e a forma como se realiza a análise, buscando inter-relações entre esses momentos, engrandece a pesquisa, pois proporciona uma aproximação maior do pesquisador com os sujeitos pesquisados e o fato de, no decorrer da pesquisa, construir hipóteses e verificar se essas se confirmam e em que momentos isso acontece, gera maior confiança no pesquisador.

6. Referências

DAVEL, E.; VERGARA, S.C. (Org.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2001. 313p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PAULA, A. P.; PALASSI, M. P. Subjetividade e Simbolismo nos Estudos Organizacionais: Um Enfoque Histórico-Cultural. In CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. (Org). **Simbolismo Organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007.

REY, G. F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

REY, G. F. L. **O social na Psicologia e a Psicologia Social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Pioneira Thomson, 2004.

REY, G. F. L. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZALEZ REY, F. L. (Org). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thompson Learning, 2005.

SILVA, K. A. T. **A Luz "Vermelha" no Fim do Túnel**: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição. 2013. 162 p. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal de Lavras (UFLA) - MG.